

# A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA DESENVOLVIMENTISTA: UM LEVANTAMENTO ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA<sup>1</sup>

NASCIMENTO, Anatielle Gomes<sup>1</sup>  
Acadêmica do Curso de Psicologia (UNIVAG)  
SILVA, Dhalke Ciralli Sousa<sup>1</sup>  
Acadêmica do Curso de Psicologia (UNIVAG)  
SANTOS, Geniana dos<sup>2</sup>  
Orientadora de Pesquisa Metodologia

## RESUMO

O presente estudo evidencia o ramo da psicologia que estuda o desenvolvimento humano. Objetiva discutir os pressupostos para o desenvolvimento infantil a partir das contribuições da Psicologia. No que diz respeito à Infância, é pertinente dizer que, o conceito de infância é relativamente novo, pois surge como uma invenção da Modernidade. Quando pensamos em Infância, logo somos levados a pensar sobre a criança enquanto ser que sente, imagina, explora, cria e vive rodeada por elementos culturais que a constituem enquanto sujeito social. A partir dos pressupostos da modernidade, passou a ser importante defender, proteger e educar as crianças para que elas pudessem se tornar adultos produtivos, especialmente no âmbito do trabalho futuro. Este trabalho destaca que, comumente, tal temática tem sido discutida em associação com a aprendizagem formal em âmbito escolar. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de perfil bibliográfico. Como perspectiva o estudo está sendo orientado pelas teorias desenvolvimentistas que procuram problematizar a relação aprendizagem e desenvolvimento. Como resultado, enfatizou-se a relevância em discutir a potencialidade de espaços não formais de aprendizagem, articulando tais sentidos à compreensão acerca da socialização primária dos vínculos afetivos na primeira infância e da atuação do psicólogo de maneira a contribuir para o desenvolvimento infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem e desenvolvimento; Infância Atuação do Psicólogo; Perspectiva Desenvolvimentista.

## ABSTRACT

The present study highlights the branch of psychology that studies human development. It aims to discuss the assumptions for child development from the contributions of Psychology. As far as Childhood is concerned, it is pertinent to say that the concept of childhood is relatively new, since it appears as an invention of Modernity. When we think of Childhood, we are soon led to think about the child as a being who feels, imagines, explores, creates and lives surrounded by cultural elements that constitute it as a social subject. From the presuppositions of modernity, it became important to defend, protect and educate children so that they could become productive adults, especially in the context of future work. This work emphasizes that, commonly, this theme has been discussed in association with formal learning in the school context. It was a qualitative research of bibliographic profile. As a perspective the study is being guided by developmental theories that seek to problematize the relation learning and development. As a result, the importance of discussing the potentiality of non-formal learning spaces was articulated, articulating these meanings to the understanding of the primary socialization of the affective bonds in early infancy and of the psychologist's performance in order to contribute to child development.

**Wordkey:** Learning and development; Childhood Psychologist's performance; Developmental Perspective.

---

<sup>1</sup> Orientado por Geniana dos Santos, Doutora em Educação pela UERJ, Mestre em Educação pela UFMT, Docente UNIVAG.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo evidencia um campo da psicologia que estuda o desenvolvimento humano, procurando a partir deste destacar as contribuições desta ciência para a compreensão do desenvolvimento, especificamente infantil. O trabalho objetiva discutir os pressupostos para o desenvolvimento infantil destacando as diferentes visões da psicologia para esta mesma temática.

Nesse sentido, é importante dizer que diferentes documentos tratam, atualmente, da vulnerabilidade infantil, e da responsabilidade de sujeitos adultos zelarem por este ser que, é visto de diferentes formas socialmente, ora como um vir a ser, ora como um sujeito de direitos, ora como um ente com potencialidades para se desenvolver de forma plena.

Nesse tocante, quando pensamos em Infância, logo somos levados a pensar sobre a criança enquanto ser que sente, imagina, explora, cria e vive rodeada por elementos culturais que a constituem enquanto sujeito social. Essa avaliação indica a chave para alguns dos pressupostos filosóficos dessas teses e para o extremo relativismo de valores de nosso tempo, elas reabilitam idéias do final do século passado, de pensadores como William James e, principalmente, Friedrich Nietzsche, o fundador do irracionalismo moderno, foi à partir deste tempo que se propôs defender, proteger e educar as crianças para que elas pudessem se tornar adultos produtivos, especialmente no âmbito do trabalho futuro.

Pensar a criança nessas diferentes perspectivas faz necessário também pensar a Infância como sentido ou conceito que se modifica a partir da história e da maneira como as pessoas se relacionam com o mundo e com o outro. A infância enquanto conceito é uma invenção da modernidade, e possibilita o desenvolvimento da escrita e da escola, além de outros sentidos para os processos de civilização que está à procura delinear.

Nesse sentido, após as mudanças do período considerado moderno, não foram poucas as formas encontradas para proteger a criança, tanto no tocante ao seu desenvolvimento biológico quanto cultural.<sup>2</sup> Cabe salientar que algumas ações como o decréscimo da mortalidade infantil, a influência do cristianismo e as novas formas de vida familiar contribuíram para que o quadro de proteção à criança fosse instituído.

Os documentos que orientam o processo educacional para a infância já assumem esses sentidos como importantes para a socialização da criança pequena, considerando que na

---

<sup>2</sup> Modernidade: período sólido, em virtude da visibilidade de seus poderes centrais, hierarquias, regras, barreiras, fronteiras etc.

primeira etapa da educação básica, novos conceitos para lidar com a educação da criança pequena precisam se pautar na experiência das mesmas em relação com o mundo. Entretanto, quando pensamos fora do meio educacional, dificilmente compreendemos a maneira como outros espaços podem contribuir para o desenvolvimento infantil.

A Declaração dos direitos humanos de 1948, quando retrata o direito fundamental humano à seguridade social coloca a maternidade e a infância como elementos a serem protegidos com prioridade. A nossa Constituição de 1988, que está estruturada a partir dos pressupostos dispostos na referida declaração também asseguram o direito da criança, assim como o Estatuto da Criança e do Adolescente que, desde a década de 90 estabelecem uma série de direitos e deveres relacionados à proteção dessa parcela frágil da população. Estudos apontam que essa fase não é uma etapa natural da vida dos seres humanos, e assim de modo repentino, passa a ser percebida e valorizada nas novas formas de falar e sentir dos adultos em relação ao que fazer com as crianças, isso significa dizer que mesmo com uma série de intenções legítimas para a defesa das crianças, ainda se tem uma visão adultocêntrica das crianças, tal visão categoriza o infante como aquele que ainda não é, que ainda será um sujeito social de direitos (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2007).

Neste estudo procuramos problematizar tais sentidos, salientando que a criança no contexto mais amplo que é o discurso da infância, é um ser de direitos, que necessita de proteção, mas também de respeito às suas formas de sentir e ver o mundo. Desse modo, seu desenvolvimento precisa ser contemplado como um fenômeno complexo para além de um meio para a estruturação de um ser futuro. Deste modo, tomar a infância como invenção é ser ativo na construção social, onde considera o sujeito infantil como constituído nas práticas culturais e pelas mesmas, sendo que mesmo o conhecimento sobre a infância é produzido por uma determinada construção histórica e, ao mesmo tempo, produz o objeto que se propõe conhecer (LAJOLO; FREITAS, 2006).

A motivação para a temática abordada ocorreu por vivências acadêmicas, especialmente no contexto das aprendizagens sobre as diferentes formas de significar o desenvolvimento humano infantil no contexto da Psicologia. Nesse sentido, salientamos que tal tema tem crescido no meio acadêmico e sua investigação tende a contribuir para uma ressignificação da atuação da psicologia desenvolvimentista como campo próprio, não necessariamente em função do ambiente formal de aprendizagem.

Tendo em vista as problematizações realizadas na interface da psicologia, esta voltada ao desenvolvimento, o presente estudo se orientou pela seguinte problemática: Quais as significações de desenvolvimento na infância propostos pela Psicologia?

Com esse questionamento, buscamos compreender as formas de atuação do psicólogo no contexto do desenvolvimento infantil para além da discussão da aprendizagem formal escolar. Isso, pois, entendemos a psicologia do desenvolvimento como campo próprio que pode, deveras, contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial das crianças.

Com o fenômeno da modernização, logo se evidencia o conjunto de formalidades que regem o meio social, onde surge a apreensão acerca da infância, que significa pensar no desenvolvimento enquanto sujeito que passa por estágios antes de ser tornar um adulto, na educação (BARBOSA; MAGALHÃES, 2008).

Este trabalho está estruturado em tópicos, sendo o primeiro deles a apresentação do trabalho e sua justificativa, em que se destaca as noções de infância e criança como elementos norteadores para todo o trabalho. A metodologia, segundo tópico, apresenta a estrutura de pesquisa qualitativa, bibliográfica a partir da qual buscamos destacar como estudos anteriores a este delineiam o desenvolvimento humano. A partir do levantamento bibliográfico sobre as produções científicas em psicologia do desenvolvimento infantil, objetivamos problematizar a atuação do psicólogo na infância. A pesquisa ora apresentada além de descrever os resultados de outras pesquisas procura evidenciar novas formas de se pensar as práticas do psicólogo no contexto do desenvolvimento infantil.

A fundamentação teórica, terceiro tópico, agrupa tanto as produções em psicologia quanto às que dizem respeito à infância, tal tópico traz diferentes perspectivas para o desenvolvimento humano, com o recorte para a infância. A estratégia foi assim desenvolvida para que fosse possível elucidar os sentidos mais comuns para o desenvolvimento infantil fora da lógica da escolarização.

A discussão dos resultados, quarto tópico, em que se busca alinhar alguns sentidos para o desenvolvimento infantil, para além da lógica escolar. E as considerações finais que encerram o trabalho buscando problematizar temáticas complementares para o presente estudo.

Neste trabalho buscou-se evidenciar que o desenvolvimento infantil, mesmo que seja facilmente atrelado à formação de um sujeito escolar, pode e deve ser pensado além da intencionalidade de formação nesse espaço, e que a aprendizagem mostra-se uma propulsora para o desenvolvimento, sendo o trabalho do psicólogo um grande aliado para que a aprendizagem e desenvolvimento ocorra.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - O DESENVOLVIMENTO HUMANO

### Aspectos Gerais

Diferentes vertentes teóricas estudam o desenvolvimento humano como um elemento fundamental para a estruturação social. A Psicologia como campo disciplinar tem fundamentado muitas discussões sobre a maneira como o sujeito vivencia a sua experiência com o mundo, no campo educacional visualizamos que a psicologia educacional há algum tempo tem apresentado certezas sobre como a criança vê e experiencia o mundo. Nesse sentido, cabe retomar como faz Aranha e Martins (2009), quando as autoras salientam que o desenvolvimento humano ocorre devido a plasticidade com a qual as experiências humanas se modificam em resposta ao ambiente. Para as autoras, assim como os demais animais da escala zoológica, o bebê humano possui instintos e reflexos que garantiram a sobrevivência. Entretanto, diferentemente dos outros animais, há uma enorme necessidade de cuidado e vínculo com outros humanos que exerçam a função de cuidado para que o bebê humano não pereça e possa atingir a inteligência concreta. Tais sentidos, já foram expressos no campo do desenvolvimento, mostrando a dificuldade em pensarmos somente por uma vertente ou outra que trata do desenvolvimento humano na infância.

Para além das contribuições da psicologia, atualmente, a sociologia, a filosofia e a antropologia da infância trazem contribuições importantes para pensar nessa criança como um sujeito, mais que biológico, ser cultural, pensante que se relaciona com o outro e com o mundo de forma singular.

Resgatando um pouco sobre a história da criança, a importante concepção de Ariés (1981), traz um clássico em relação à descoberta da infância na história. Em seus escritos o autor apresenta o desconhecimento dessa etapa da vida, apontando que as crianças eram retratadas através de pinturas com aspectos de inocência, graciosas e brincando.

No século XII, as crianças deixam de se vestir como adultos, iniciando assim a ocuparem um lugar específico na vida social e já no século XVIII as crianças são representadas em contextos de costumes familiares com roupas que realmente usavam. E por fim, aparecem no centro das imagens e até sozinhas. Observamos que no final do século XIII a infância foi enfim descoberta, com Rousseau, surge um crescente sentido da necessidade de cuidados com a infância. Sendo assim:

Quando falamos em infância, não podemos nos referir a esta etapa da vida como uma abstração, e sim como um conjunto de fatores que institui determinadas posições que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para

que hajam determinados modos de pensar e viver a infância. A respeito disso, basta verificarmos que desde o século XII até início do século XX, a sociedade vem criando conceitos e modelos para infância, além de mecanismos que a valorizem, principalmente a infância pobre e desvalida, pois de acordo com a obra de Aries, o sentimento sobre a infância se dá nas camadas mais nobres da sociedade. Já a criança pobre continua a não conhecer o verdadeiro significado da infância, ficando assim a mercê da própria sorte (BARBOSA; MAGALHÃES, 2008.p. 2).

Segundo Barbosa e; Magalhães (2008) naquela época as crianças não eram reconhecidas enquanto tal, eram sim, vistas como adultos de baixa estatura ou como se costuma dizer, como adultos em miniatura. Algo muito importante e cruel marca essa época “a criança não passava pelos estágios da infância contemplados, e sem a base familiar que não tinha ciência do cuidado que elas precisavam, não porque se eximiam disso, mas porque não tinha conhecimento da necessidade dessa proteção, não enxergaram a criança.”

Essas considerações são importantes, pois após algumas descobertas da Psicologia Experimental, como resgatam Aranha e Martins (2009), a criança passa a ser observada, o que permite uma compreensão maior sobre os estágios do desenvolvimento humano. Nesse item, as autoras ainda destacam que, a inteligência concreta é aquela experiência vivida no aqui agora, o que pode ser traduzida como uma capacidade “inata” de resolver problemas a partir de uma ideia súbita.

Nesta fase, a criança pequena não possui ainda o símbolo, pois não opera a partir do pensamento abstrato. Outros mamíferos também possuem a plasticidade cognitiva apresentada pelo ser humano, e, portanto, também realizam as mesmas atividades com os objetivos de resolver problemas (ARANHA e MARTINS, 2009).

Nessa expressão do desenvolvimento como uma linha evolucionista, o ser humano é o único animal que consegue alcançar o que os cientistas chamam de nível mais alto da escala zoológica, isso pois, a comunidade humana cria e recria instrumentos físicos ou simbólicos e os guarda para situações hipotéticas, abstraindo/simbolizando, algo que outros animais, segundo a ciência, ainda não fazem (ARANHA e MARTINS, 2009).

Segundo Aranha e Martins (2009), a palavra está no limiar do desenvolvimento humano, pois a partir dela é que se cria a cultura, o mundo simbólico e, portanto, a possibilidade de interação humana. Tal pensamento não se distancia daquilo que Piaget chamou de maturação biológica, e das fases de desenvolvimento que consideram o desenvolvimento como um elemento fundamental para a estruturação de novas aprendizagens a partir de estruturas já sedimentadas.

Contudo, para além do biológico, a colocação das autoras nos permite compreender que quando as crianças são muito pequenas, elas nem sempre aceitam as regras ou

reconhecem as figuras de autoridade na intimidade familiar, sendo essa uma aprendizagem elementar para que ocorra uma conformação social na criança. Essa socialização, denominada primária, destaca a necessidade da criança se integrar no mundo social com outros sujeitos, com figuras de autoridade, com papéis sociais distintos, interagindo e aprendendo.

A instituição nesse entender seria um meio de socializar, por uma segunda vez, de organizar e distribuir símbolos sociais importantes para a vida coletiva, o que nem sempre ocorre de forma positiva, especialmente para as crianças pequenas que estão em um processo de adaptação, aprendizagem e às vezes resistências às regras que desrespeitam seu jeito de ser no mundo.

Muitos estudos sobre a infância e psicologia já foram desenvolvidos de forma a realçar o caráter autoritário e normativo das instituições, por isso, este trabalho irá discutir formas possíveis de orientação e acompanhamento do desenvolvimento infantil no contexto da atuação do psicólogo, não necessariamente na escola. Delineamos, então, formas específicas de compreensão do desenvolvimento infantil, especialmente para três autores bastante utilizados no âmbito da psicologia educacional, a saber, Vygotsky, Piaget, e Wallon.

Além dos autores Vygotsky, Piaget, e Wallon tais estudos apontam novas perspectivas para o estudo do desenvolvimento infantil, como delineadas por Bee e Boyd (2001), pesquisadoras do Houston Community College, a partir da perspectiva ecológica. A recuperação teórica realizada neste estudo tem como principal fundamento a tentativa de evidenciar a aprendizagem não formal como algo central para o desenvolvimento, como defendia Vygotsky, discutindo elementos sociais mais amplos para se pensar o desenvolvimento infantil junto às famílias e comunidade.

Assim, a relação desenvolvimento-aprendizagem postula o ensino adequadamente organizado, o qual leva à aprendizagem a impulsionar ciclos de desenvolvimento que estavam em estado embrionário: novas funções psicológicas superiores passam assim a existir. Ressalta-se que esse novo desenvolvimento, abre novas possibilidades de aprendizagem que impulsionarão o desenvolvimento, permitindo novas aprendizagens.

[...] a característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento proximal, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com outros, que, na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança. (VIGOTSKI, 1933/2006, p. 115)

Pode se dizer que nesse sentido, aprendizagem e desenvolvimento constituem uma unidade, visto um ser constitutivo do outro, ou seja, um não é sem o outro:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento; mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa

todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. (VIGOTSKI, 1933/2006, p. 115).

Com uma diferença elementar ao proposto por Piaget, Vigotski defende a presença de dois níveis de desenvolvimento: o primeiro, denominado "nível de desenvolvimento real" (NDR), que se refere a tudo aquilo que o sujeito é capaz de realizar por si só, sozinho, sem contar com a ajuda de ninguém. Já o segundo, ou nível de desenvolvimento proximal (NDP), explicita que há situações em que o sujeito só consegue fazer/pensar/sentir algo se contar com o auxílio de alguém mais experiente. Deste modo, entre o que o sujeito consegue fazer por si mesmo e o que só o faz mediante a ajuda do Outro está a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), um conceito metafórico, que indica uma compreensão particular de ensino que ao se fornecer assistência na ZDP, leva-se o aluno a realizar sozinho aquilo que antes só o fazia com o amparo de alguém.

Para Piaget, a aprendizagem em sentido estrito não é condição suficiente para engendrar o desenvolvimento, mas é condição necessária. Observa-se a importância que tem a aprendizagem em sua teoria e, não por acaso. Piaget esteve, em sua vida, constantemente ligado aos órgãos internacionais encarregados de pensar a educação. E sempre abordou que os professores que podem neles encontrar uma referência na qual se inspirar para desenvolverem uma práxis favorecedora da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças e dos jovens, aonde a inteligência é uma adaptação do indivíduo aos desafios colocados pelo meio físico e social, pois diante da impossibilidade de resolver um problema, o sujeito é capaz de modificar seus pontos de vista, remanejar ou criar ideias, elaborar hipóteses e testá-las, de modo a superar o conflito gerado pela incapacidade de resolver tal problema.

Já Wallon, ressalta um ponto importante de que na escola não se limita ao ensino, por ser um instrumento para o desenvolvimento integral, essa teoria foca no trabalho em grupo e entende-se que nela há uma estratégia por meio da qual os alunos aprenderão a assumir e dividir responsabilidades, a respeitar regras e a administrar conflitos. A colaboração entre pares, a troca de conhecimentos e experiências, com certeza facilitam a integração afetivo-cognitiva.

Os três autores, por muito tempo, aparentemente, ficaram reclusos às contribuições da Psicologia voltadas para o campo escolar. Neste estudo, buscamos evidenciar que as contribuições dos autores não necessitam estar atreladas a esse espaço pedagógico, uma vez que não se aprende somente na escola. Destacamos, portanto, que a partir das contribuições de Vygotsky, conseguimos pensar que todo o adulto já introduzido no âmbito cultural pode exercer a função de mediador do desenvolvimento infantil e que é preciso pensar as ações do

Psicólogo também nessa perspectiva de forma a contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem não necessariamente à serviço da escolarização.

## **METODOLOGIA**

Os métodos utilizados neste estudo foram de caráter qualitativo, pesquisa de revisão bibliográfica mediante publicações científicas contemporâneas a respeito do tema apresentado na introdução deste trabalho. Neste sentido, este estudo sistematiza dados a partir da utilização de bibliografia já publicada em forma de artigo científico sua finalidade é colocar as pesquisadoras em contato direto com aquilo que foi escrito acerca do desenvolvimento na infância, com o objetivo de permitir o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações. Nesse sentido, a pesquisa se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico conforme assinalam Lakatos e Marconi (2015).

Ainda sobre os métodos de pesquisa, Gil (2016) orienta que a pesquisa observacional e descritiva visa registrar, analisar e correlacionar fenômenos ou fatos. Estudos descritivos consistem na análise e descrição de características ou propriedades, ou ainda das relações entre estas propriedades em determinado fenômeno. Esta pesquisa, se alinha às pesquisas descritivas, pois apresenta dados bibliográficos para posteriormente realizar discussão sobre os mesmos.

Segundo Gil (2016) a natureza exploratória é caracterizada por uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar se a obra consultada interessa à pesquisa. A abordagem qualitativa agrupa uma série de técnicas interpretativas que procura descrever, decodificar, traduzir e, de alguma forma, chegar a um acordo com significado, não a frequência, de certos fenômenos que ocorrem de forma mais ou menos natural no mundo social.

Neste estudo foram escolhidos termos chave para sistematização do processo de busca de dados. As bases de dados possibilitam o acesso via internet com busca por assuntos ou por meio dos descritores: **“Psicologia; Desenvolvimento infantil; Desenvolvimento na infância”**. Utilizou-se a base de dados Biblioteca Virtual Scielo que se constitui em um site composto por fontes de informação, promovendo o conhecimento de profissionais de psicologia e do público em geral. O critério de escolha sobre o referido portal se deve ao fato de o mesmo registrar maiores acessos por acadêmicos e pesquisadores que se utilizam do material já existente sobre o tema. O recorte neste portal também se mostrou um recurso para evitar dispersão temática, e focalização maior no assunto estudado. O período de coleta de

dados deu-se no período de abril a junho de 2018, e o artigo selecionados foram apenas o que se encontravam na íntegra.

Para esta pesquisa, não houve necessidade de ser submetido à avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), por se tratar de pesquisa bibliográfica, não envolvendo seres humanos. No entanto, foi respeitada a integralidade intelectual dos autores citados e utilizados nessa pesquisa, além de respeitar os princípios dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98 que regulamenta os direitos autorais no Brasil.

## **RESULTADOS OBTIDOS**

Para o levantamento dos estudos sobre o desenvolvimento infantil no contexto da psicologia, foram considerados os termos chave: Psicologia, Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento na Infância, como já mencionado anteriormente. A partir do processo de busca, foi possível encontrar um número pequeno de produções sobre a temática. Nesse sentido, cabe salientar que alguns critérios de coleta de dados foram estabelecidos, fazendo parte do corpus analisado somente artigos produzidos e publicados no campo da psicologia, uma vez que o objetivo era verificar como a temática tem sido discutida no campo. Esse critério desvelou algo importante sobre o campo discursivo em questão, uma vez que, muitos artigos sobre o desenvolvimento infantil têm sido produzidos no campo pedagógico, nem sempre por psicólogos.

Ao fim do procedimento de pesquisa foram selecionados para análise dos dados um total de 16 (dezesesseis) artigos, que foram agrupados em forma de categorias sendo elas: **“Psicologia; Desenvolvimento infantil; Desenvolvimento na infância”**. Após estudo dos artigos, foi realizado recorte contemplando aqueles que atenderam aos critérios de inclusão, estes artigos foram organizados e analisados, buscando extrair suas unidades de significados. Dessa forma, buscou-se separar os artigos por semelhança de abordagem, surgindo a partir disso três categorias, sendo elas:

1. Realismo do pensamento infantil;
2. Realismo Nominal e;
3. Construção das estruturas cognitivas.

As três categorias desvelam a dominância de uma discussão centrada nos pressupostos piagetianos, levantando elementos para a psicogênese, algo que a partir de Ferreiro e Teberosky na década de 80 passou a caracterizar o campo da alfabetização. Após a categorização, foi feita nova análise dos assuntos discutidos e assim, foram utilizados os

conteúdos dos autores das produções para exemplificar, formando as seguintes subcategorias:

1. Desenvolvimento na infância e;
2. Participação dos pais.

O fato de o desenvolvimento na infância estar atrelado à família foi um ponto interessante a ser destacado, uma vez que a participação dos pais delineia que o desenvolvimento pode e deve ser problematizado tanto na socialização primária quanto secundária com a presença destes, e não exclusivamente no âmbito escolar.

Após a leitura e re-leitura dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão, estes artigos foram organizados e analisados, buscando extrair as unidades de significados. Dessa forma buscou-se separar os artigos por semelhança de abordagem cuja visão sobre desenvolvimento se assemelhavam, ainda que os textos assumissem orientação teórica diferente.

Dentre os temas mais discutidos, é possível salientar que o Realismo do pensamento infantil; Realismo Nominal e a Construção das estruturas cognitivas são os assuntos que mais ecoam no âmbito em questão, elementos presentes na psicogênese e na teorização que busca fundamental a aprendizagem no período da alfabetização. Tais elementos nos permitem compreender a força de uma teoria psicogenética ainda presente nas práticas discursivas em psicologia, ainda que no âmbito educacional já seja possível encontrar uma hegemonia dos discursos que apresentam a mediação e os aspectos sociais do desenvolvimento.

Ainda é possível destacar duas práticas discursivas comuns no contexto das produções científicas sobre o desenvolvimento infantil, e tais significações denotam uma outra forma de compreender o desenvolvimento, pois atrelam o mesmo ao ambiente afetivo e a participação dos pais nesse momento tão importante da vivência infantil. Segundo Scoz (2004) retomando os conceitos de Vigotsky, é na infância que ocorre o desenvolvimento de conceitos espontâneos e científicos. Os conceitos espontâneos são assimilados no decorrer do processo de escolarização, meio pelo qual a criança desenvolve sua consciência e adquire domínio da mesma (SCOZ, 2004).

Nesse sentido, destacamos que tal processo somente ocorre a partir de processos de mediação efetivos, cujo papel da linguagem é de fundamental importância.

A linguagem é um sistema multissensorial que envolve as áreas do conhecimento a afetividade e a socialização, constituindo assim, uma forma complexa de comportamento que requer a integridade de zonas ou áreas cerebrais. A linguagem é adquirida através de experiências significativas e das relações intrapessoais e interpessoais é a expressão do pensamento da palavra falada e escrita como um conjunto de regras e símbolos, assim a criança aprende o que ouve, depois de ter apreciado o que vê, dependendo do que experimenta (VISCA, 2011 p. 43).

Pode se dizer que a aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas. Isto significa que um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários. Pois toda a aprendizagem é vista como um sistema dinâmico de interação, pois é um processo humano, biológico, intelectual, emocional e social, todos se inter-relacionando e nada acontecendo isoladamente (VYGOTSKY, 2009).

Segundo Scoz (2004), o conhecimento é construído pelo aluno através da interação social, que lhe permite interpretar a realidade e construir significados. A aprendizagem, enquanto processo de construção, define-se como um efeito que a partir de uma articulação de esquemas, sugere que diferentes dimensões coexistem para possibilitar ao ser humano configurar uma dinâmica própria do funcionamento, caracterizando assim o processo de aprendizagem.

A aprendizagem é um processo de continuidade genética que, com as diferenças qualitativas que vão sendo observadas na sua evolução, da qual permite que se identifiquem quatro importantes níveis, que vão de certa forma estabelecendo o processo particular de aprender de cada um de nós, pode se dizer que esse modelo concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica com continuidade genética e diferenças evolutivas, resultantes das precondições energético-estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio (VYGOTSKY, 2009 p. 71).

Observa-se que o sucesso de um processo de ensino-aprendizagem requer a integração de três aspectos: cognitivo, afetivo e motivacional, e o autor já referenciado o esquema evolutivo da aprendizagem possui quatro níveis:

**Protoaprendizagem:** o sujeito estabelece as primeiras vinculações a partir a partir da relação entre o cognitivo e afetivo com a mãe ou agente materno.

**Deutoaprendizagem:** Refere-se às trocas produzidas entre o sujeito e o meio familiar.

**Aprendizagem Assistemática:** Constitui a relação do sujeito com a comunidade restrita, onde o próprio sujeito opera na comunidade.

A cada nova situação que o sujeito enfrenta é ativado seu sistema mental pluraliza pondo em ação uma ou mais inteligências.

**Aprendizagem Sistemática:** se configura em função da aprendizagem Assistemática em interação com as instituições educativas. E, neste nível se destacam as aprendizagens instrumentais (lectoescrita e cálculo), a valorização das duas aprendizagens mobiliza o sistema pluralista, a princípio as duas competências: linguística e lógico-matemática (VYGOTSKY, 2009).

Nota-se que vem crescendo o número de alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem, bem por isso que nos leva a questionar a função da escola que talvez não vem cumprindo o papel de promover a aprendizagem das crianças, bem como do professor que pode não estar conseguindo agir como mediador entre o conhecimento e a criança. Deste modo, nota-se que pode ser várias as causas que influenciam na aprendizagem escolar, na

visão dos professores: os problemas familiares, os problemas da própria criança e os problemas relativos à escola são as principais causas de insucesso da criança. As produções levantadas, devido a esse fator estão muito em serviço de contribuir para a resolução dos desafios apresentados pela escola.

Bossa (2009) esclarece que o objetivo do estudo é o ser cognitivo, que se dirige para a realidade para dela retirar um saber. Portanto a psicopedagogia é uma área de equilíbrio entre o indivíduo e seu meio (família, escola e sociedade). Sendo o caminho que leva o ser a conhecer o mundo e a si mesmo. Pode-se dizer que a psicopedagogia é uma só e investe-se em diferentes âmbitos do indivíduo, do grupo da instituição e da comunidade, sendo de caráter terapêutico e preventivo no processo de ensinar e aprender.

Segundo Carvalho (2005), contribuir na formação de cidadãos aptos a enfrentarem os desafios diários, na luta pela construção de uma sociedade menos desigual e mais global em dignidade de vida; capacitando-os através dos conhecimentos sistematizados e oportunizar lhes a transformação pessoal e social, visando sempre o cumprimento dos princípios éticos institucionalizados e os valores morais e culturais fundamentais para o exercício pleno da cidadania.

A dissociação entre psicologia do desenvolvimento infantil e processo preparatório para a escolarização se mostrou algo pouco pensado nesse contexto, conforme evidenciou o recorte apresentado. Isso talvez se deva ao enfoque existente entre pedagógico e psicológico nos estudos atuais. A comum apresentação da psicologia como um fundamento para ação educacional, ao mesmo tempo que confere grande importância essa ciência, a limita à ação no âmbito da escolarização. Entendemos que essa compreensão se mostra limitadora ao trabalho do Psicólogo que vê a aprendizagem como uma possibilidade real para criança e que pode atuar com outras estratégias em espaços diferentes ao da aprendizagem formal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo procurou destacar os sentidos que circulam no contexto da psicologia desenvolvimentista sobre a criança no período da infância. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa de perfil bibliográfico, apresentou diferentes perspectivas teóricas, buscando assinalar as perspectivas mais conhecidas sobre o desenvolvimento e que procuram problematizar a relação aprendizagem e desenvolvimento.

A esse respeito, ainda que se buscasse perceber outras possibilidades teóricas, não foi

possível visualizá-las nas produções dispostas no Scielo, como a perspectiva da Psicanálise ou a Humanista. Quanto à Wallon, embora o autor seja atrelado ao contexto de discussões do desenvolvimento infantil, juntamente à Piaget e Vygotsky, a ausência de estudos sobre suas colaborações se destacou nesse contexto.

Como resultado verificou-se a relevância de se discutir a potencialidade de espaços não formais de aprendizagem, articulando tais sentidos à compreensão acerca da socialização primária dos vínculos afetivos na primeira infância e da atuação do psicólogo de maneira a contribuir para o desenvolvimento infantil.

Por fim, foi possível através da metodologia aplicada foi possível identificar que não há consenso acerca do que consiste o desenvolvimento infantil, pois há diferentes correntes da psicologia as quais disputam esse campo, sendo a com viés Biológico ainda dominante no contexto das produções da Psicologia, embora atualmente disputando espaço com a perspectiva Sócio-cultural. Assim, ressalta-se a importância da psicologia e da atuação do psicólogo na área da infância, uma vez que a psicologia tem atuado amplamente no desenvolvimento e em tudo o que ela pode vir a ser.

## REFERÊNCIAS

ÁRIES, Philippe. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graças Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre, 2008.

BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. “**A concepção de infância na visão de Plihippe Ariés e sua relação com as políticas públicas para a infância**”. Examãpaku. Boa vista, 2008. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/examapaku/article/viewFile/1456/1050>>. Acesso em: 09 Out. 2017.

BOSSA, Nádía. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

CAMPOS, L. M L. **A rotulação de alunos como portadores de distúrbios ou dificuldades de aprendizagem – uma questão a ser refletida**. Série Idéias, n28, p. 125-139. São Paulo: FDE, 1997.

CARVALHO, Rosita E. **Removendo barreiras para aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada. Abordagem psicopedagogia clínica da criança e sua família**. 12ª Reedição – Porto Alegre. Artes Médicas, 2011.

HILGARD, Ernest R. **Teorias da Aprendizagem**. Editora da Universidade. 1996.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento**. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 25, p. 75-92, dez. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 mar. 2018.

LAMPREIA, Carolina. **A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo**. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2012, vol.24, n.1, pp.105-114. ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100012>.

SPINILLO, Alina Galvão and ROAZZI, Antônio. **A atuação do psicólogo na área cognitiva: reflexões e questionamentos**. *Psicol. Cienc. prof.* 2009, vol.9, n.3, pp.20-25. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000300008>.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: O problema escolar e de aprendizagem**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews. **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista**. 3ª ed. Lisboa: Fundação 2016.

VISCA, Jorge **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. 8. ed. Porto Alegre: Artes 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.